

ES CRAVA, CRIANÇA, MULHER: a circulação de imagens de Madalena Gordiano ¹

SLAVE, CHILD, WOMAN: the circulation of images of Madalena Gordiano

Lucilene Guimarães Athaide ²

Resumo: Ao refletir sobre os agenciamentos e fluxos circulatórios na produção de sentidos a partir da reprodução de imagens, o trabalho analisa as fotografias que circularam no jornalismo em 2020 e 2021 sobre Madalena Gordiano, mulher negra e trabalhadora doméstica, escravizada por quase quatro décadas no interior de Minas Gerais. O artigo deriva de tese de doutorado defendida em 2025 no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Metodologicamente, articula reflexão teórica — com base em Rosa (2019) e em autores da diáspora negra como Du Bois (2021) e Hill Collins (2019) — e análise empírica das imagens veiculadas. A reflexão aponta a necessidade de pensar uma contra-colonialidade na circulação, reconhecendo a presença de lógicas racistas e patriarcais nesses fluxos.

Palavras-Chave: Circulação. Fotojornalismo. Madalena Gordiano

Abstract: This article examines the assemblages and circulatory flows involved in the production of meaning through the reproduction of images, focusing on photographs circulated in journalism between 2020 and 2021 about Madalena Gordiano, a Black woman and domestic worker enslaved for nearly four decades in the countryside of Minas Gerais, Brazil. The study derives from a doctoral dissertation defended in 2025 in the Graduate Program in Communication Sciences at Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Methodologically, it combines theoretical reflection—drawing on Hartmut Rosa (2019) and Black diaspora thinkers such as W. E. B. Du Bois (2021) and Patricia Hill Collins (2019)—with an empirical analysis of the published images. The discussion highlights the need to conceptualize a counter-colonial approach to circulation, recognizing the persistence of racist and patriarchal logics within these visual flows.

Keywords: Circulation. Photojournalism. Madalena Gordiano

1. Introdução

Antes do bloqueio temporário da plataforma no Brasil³, no X (antigo Twitter), internautas debatiam como o autógrafo de outrora se transformou em uma selfie. O debate girava em torno de pedir ou não para ser fotografado ao lado de artistas em caso de um encontro casual. Antes,

1 Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho 20: GT Imagem e Imaginários Midiáticos. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

2 Doutora em Ciências da Comunicação (Unisinos-RS); Mestra em Ciências Sociais (Unisinos-RS); Bacharela em Comunicação Social / Habilitação em Jornalismo (UFRGS); lucileneguimaraes@hotmail.com

³ O país viveu no fim de 2024 uma polêmica após o bloqueio da plataforma X pelo Supremo Tribunal Federal (STF). O órgão máximo de Justiça no Brasil alegava que a empresa norte-americana precisava ter um representante legal no país e pagar multas pendentes por descumprimento de decisões judiciais. A plataforma voltou ao seu funcionamento normal em 8 de outubro. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/x-volta-a-funcionar-no-brasil/>. Acesso em: 18 de nov. 2024.

ao avistar uma pessoa famosa ou uma personalidade ilustre nas ruas, se dizia prontamente: “Me dá um autógrafo?”. Sim, o autógrafo virou uma foto. Atualmente, sem o registro em foto para postar em redes sociais, o acontecimento quase perde a sua essência de acontecimento. É uma espécie de “ver para crer” das parábolas bíblicas, mas que se desdobra em uma sociedade extremamente midiaticizada (Gomes, 2019). Tudo é visto com instantaneidade, repercutido em velocidade e reproduzido com agilidade.

Não nos espanta que a emergência das imagens e mais do que isso, o aporte das mesmas para a consolidação de narrativas, ande de mãos dadas com o jornalismo, afinal, é através do jornalismo, em grande medida, que entendemos o que é acontecimento (Rodrigues, 1993) e o que é notícia (Traquina, 2005). Isto é, compreendemos o que é acontecimento vivido e o que é o acontecimento noticiado (Fonseca; Dornelles 2013), já que nem tudo que é fato social entra na pauta diária, pois o jornalismo opera um conjunto de seleções ao longo de sua cadeia de produção, é o que entendemos por critérios de noticiabilidade (Traquina, 2005).

As boas histórias são contadas com a ancoragem de imagens fortes que ajudam a fixar o fato na cabeça do internauta, telespectador, ou ainda, leitor. Independente do dispositivo midiático onde a notícia esteja sendo veiculada, da rede social onde o assunto apareça ou portal de notícias, sabemos exatamente que se trata de um contexto histórico específico só de olhar a imagem. Para Barthes (1982) a fotografia de imprensa é uma mensagem importante que desenvolve funções de ancoragem ou de complementaridade. Transpondo este debate da imprensa para o cenário da midiaticização, notamos que esse papel da imagem só se amplia, uma vez que ela integra os fluxos da circulação. Na visão do semiólogo francês, “a foto não é apenas um produto ou um caminho, é também um objeto, dotado de uma autonomia estrutural” (Barthes, 1982, p.1).

Como as fotos passam a produzir sentidos próprios, mesmo que constituídas em conjunto com outros elementos recursivos como as manchetes e textos, acabam por ficar indissociáveis do fato primeiro que a projetou, pois são as operações de valor que prolongam a circulação de determinadas imagens (Rosa, 2019, p.22). Neste sentido, as imagens dentro da semiose infinita acabam por se autonomizar, durando no tempo como sombras.

Nosso cotidiano informacional está povoado de imagens, tanto as exógenas (materiais) como as endógenas⁴ (integrantes do modo de pensar dos sujeitos). São fotos de guerra, de crimes, das chamadas pautas softs (leves). Imagens com as últimas atualizações sobre a vida das celebridades. Imagens de acidentes de trânsito ou de grandes eventos. Recentemente, imagens em movimento, como os vídeos, que se proliferam nas plataformas digitais, como reels e tik tok. Justamente pensando nos agenciamentos, fluxos circulatorios e na produção de sentido possibilitada pela reprodução imagética, proponho neste artigo uma reflexão teórico-epistemológica sobre as fotos que circularam no jornalismo, em seu formato web, nos anos de 2020 e 2021 sobre Madalena Gordiano, mulher negra que foi feita escravizada por quase quatro décadas na cidade de Patos de Minas, interior de Minas Gerais, Brasil. Caso de grande repercussão nacional e internacional e que ainda suscita debates importantes a partir de relações transversais entre mídia, história e sociologia.

Para a finalidade proposta, executei dois movimentos: a reflexão teórica e a análise empírica. Na reflexão teórica recorremos à Rosa (2019) e a Fausto Neto (2018) por compreender que a circulação imagética é um espaço de atribuição de valor que está em constante movimento devido aos novos mecanismos de produção e distribuição das informações, principalmente considerando a ambiência midiaticizada. Atores sociais ganham protagonismo perante ao jornalismo tradicional e isso tem relação direta com a produção de sentidos propiciada pela midiaticização e que contempla a urgência desta nova “arquitetura comunicacional” (Fausto Neto, 2018). Essa reflexão vem acompanhada de diálogo com a produção de autores negros, pois acredito que é uma discussão para além da comunicação propriamente dita e estabelecida enquanto campo.

Assim, no “Caso Madalena” que aqui analiso empiricamente, a circulação de imagens foi amplamente verificada em diferentes portais de informação, agenciada por atores sociais e pelo jornalismo. Contudo, na análise empírica deste trabalho, focalizei nas imagens - fotos e vídeos - que circularam na mídia entre os anos de 2020 e 2021 referentes à Madalena Gordiano. Considerando que essa temporalidade serve de marco neste artigo, mas que não é estática, pois a dinâmica da circulação permite que um mesmo assunto ressurgir e desapareça em fluxos

⁴ A distinção de imagens endógenas e exógenas pode ser ampliada no trabalho de Hans Belting publicado em artigo na Revista Concinnitas da Uerj (2020).

descontínuos, retomando a ideia de uma imagem que se instala como sombra para outros casos posteriores.

Entendo que as representações midiáticas sobre uma mulher negra que foi escravizada, reúnem sentidos que extrapolam o campo formal dos estudos da Comunicação, recaindo sob as lentes da História e da Sociologia. Virginia Fonseca e Roberto Dornelles (2013) diz que ao não tratar adequadamente alguns temas, o jornalismo pode se transformar em mais um dispositivo que reforça as desigualdades e hegemonias sociais. Considerando que o conceito de negritude é importante nesta discussão e atravessa o debate que proponho aqui, opto por não realizar uma retomada sócio-histórica sobre como o racismo se estrutura no Brasil (Almeida, 2019), uma vez que essa é uma questão ampla que não pode, neste caso, ser tratada de forma superficial. O que interessa neste contexto, enquanto uma das possíveis lentes de análise, é compreender neste trabalho o viés sociológico que mobiliza o argumento sobre raça no país, entendida para além do aspecto biológico (Munanga, 2004), mas sim como uma construção social que justifica uma hierarquia entre pessoas lidas como “brancas” e pessoas compreendidas socialmente enquanto sujeitos racializados. Ou seja, entender raça enquanto um sistema de poder, alicerçado em outras estruturas como o patriarcado e o próprio capitalismo, em feixes interseccionais (Akotirene, 2019).

Metodologicamente, realizei a coleta dos materiais a partir da ferramenta de busca Google, na aba Notícias, considerando a abordagem de “seguir os rastros da circulação”⁵, isto é, fazer movimento de observação, rastreio do fluxo a fim de identificar as processualidades comunicacionais em jogo. Também foi criada uma categorização temporal sobre o caso para fins de análise imagética: Fase 1 - O resgate a partir de uma “história fantástica”, fazendo analogia ao nome do programa onde Madalena aparece pela primeira vez em rede nacional; Fase 2 - A infantilização e Fase 3 - Um novo visual e uma nova vida. É interessante observar, como já dito, que nas lógicas de circulação, os fluxos não são estáticos, pelo contrário, muitas vezes, se sobrepõem. Então, é comum notar aspectos muito semelhantes dentro destas fases distintas. O caso em si está em constante movimento e é a sua dinâmica circulatória, em

⁵ Seguir os rastros da circulação é um movimento metodológico desenvolvido em diferentes pesquisas da midiatização que não buscam focar em um dispositivo ou meio em si, nem tampouco em estancar o fluxo. O foco está em observar as idas e vindas, as transformações de sentidos ao longo do tempo, exatamente porque a circulação não é visível na distribuição de materiais, mas naquilo que se observa no entre, por isso a força das fases como demarcadoras de movimentos circulatórios.

diferentes circuitos, o que vai gerar a distribuição imagética que me proponho a observar. Mesmo quatro anos depois do estopim do caso, Madalena ainda segue circulando em um cenário midiático e o caso ganha novas roupagens a cada fato novo relacionado.

Dito isso, para além desta introdução, o artigo está estruturado em outras seções. Na seção 2, apresento brevemente a história de Madalena Gordiano e os aspectos de contextualização do trabalho doméstico análogo à escravidão no Brasil. Na seção 3, trago a mobilização dos principais conceitos para que, na seção 4, os observáveis sejam apresentados e desdobrados nos aspectos da análise. E por fim, na seção 5, projeto algumas considerações acerca do conjunto dos elementos.

Certamente a finalidade deste estudo não é esgotar as reflexões sobre construção de imagem de mulheres, sobretudo negras, no campo midiático. Reconheço que há, felizmente, vasta bibliografia tratando sobre aspectos de representatividade no campo da mídia e como isso se articula com a sociedade. Intenciono dialogar sobre o conceito de circulação com ênfase em gênero e raça, tema da tese de doutorado já citada e acredito que, talvez neste sentido tenho, uma colaboração para a área de estudos: compreender de forma aprofundada que os fluxos circulatórios não são fenômenos isolados, mas que se articulam com aspectos discriminatórios presentes em nossa sociedade.

Objetivo que o artigo ajude a embasar outras reflexões sobre os temas de circulação, jornalismo, comunicação e mulheres, acima de tudo no que tange aos estereótipos sobre mulheres negras. Para além de pensar na representatividade dos profissionais de jornalismo nas redações ou perante às telas, para além de pensar nas fontes ouvidas, mas também para (re) pensar as práticas profissionais e o fazer jornalístico.

2. Madalena

O Brasil teve conhecimento de quem era Madalena Gordiano na noite de 20 de dezembro de 2020. Dias antes do primeiro Natal perante a uma pandemia com alto poder letal no país e no exterior, o programa Fantástico da Rede Globo, reproduziu uma história que já era conhecida em seu estado de origem, Minas Gerais. Uma mulher negra, que por 38 anos viveu sob cárcere, sem documentação e com os direitos básicos negados por uma família de Patos de Minas, pequeno município mineiro. Em uma reportagem de cerca de 7 minutos, a história foi narrada, contextualizando o que é o trabalho doméstico análogo à escravidão, e como esse crime, previsto em legislação, se articula com o passando escravocrata do Brasil: a reportagem

do jornalista Ricardo Mello toca em aspectos muito sensíveis. Entre as perguntas dirigidas à Madalena, o jornalista questiona, por exemplo, se na casa onde ela viveu existiam brinquedos, uma vez que a personagem principal da matéria, ingressou no trabalho doméstico ainda na infância.

Aos 8 anos de idade, Madalena teria conhecido os contratantes ao bater na porta da residência para pedir alimentos, uma cena, infelizmente, ainda comum em grandes metrópoles. Vinda de uma família numerosa, sua mãe passava extrema dificuldade para alimentar os filhos. Com a promessa de se alimentar e ter a chance de estudar, Madalena passou a viver com a família Milagres Rigueira.

Neste local, ela ficou pelos próximos 38 anos de sua vida. Sem CLT, sem salário, sem férias ou décimo terceiro. Madalena teria ainda se casado com um ex-militar membro da família Milagres Rigueira já idoso e, em razão disso, teria direito a uma pensão após a morte dele. Madalena nunca teve um relacionamento amoroso com o marido e também nunca recebeu os valores desta pensão. A investigação do Ministério Público do Trabalho (MPT) apontou que este recurso foi subtraído pela família para pagar os estudos universitários de uma das descendentes dos primeiros contratantes de Madalena. Ou seja, Madalena foi obrigada a casar e, posteriormente, foi roubada.

A história dela, como evidencia a reportagem, faz referência a muitos aspectos coloniais nos moldes da escravização negra no Brasil: casamento forçado, o trabalho ainda na infância, a servidão para mais de uma geração do mesmo grupo familiar, a ideia de “ser quase da família” como uma possibilidade de encobrir um crime. Dentro desta mesma reportagem, notamos que todo o direcionamento é para essa constatação: para uma parcela da população a escravidão ainda existe. Não por acaso, a âncora Poliana Abrita inicia a chamada do texto com o termo “uma mulher negra” ao se referir a Madalena. Isso faz parte do entendimento de que raça, enquanto conceito sociológico está implicado diretamente com um caso como esse. O mercado de trabalho da modernidade, principalmente em um contexto de nações outrora colonizadas, como é o caso da América Latina, apresenta cenários bem demarcados de exclusão. Beatriz Nascimento (2018) ao se referir em meados da década de 1970 sobre as condições desiguais do mercado de trabalho formal para mulheres racializadas, já apontava que “se a mulher negra hoje [1975] permanece ocupando empregos similares aos que ocupava na sociedade colonial,

é tanto devido ao fato de ser mulher de raça negra, como por terem sido escravos seus antepassados” (Nascimento, 2018, p. 83).

Madalena só foi libertada após denúncias anônimas de vizinhos ao Ministério Público do Trabalho (MPT). O caso dela não é isolado: de 2017 a 2025, as equipes de fiscalização do MPT realizaram mais de uma centena de resgates de trabalho escravo em ambiente doméstico. Em um país que mantinha as chamadas “mucamas” e “escravizadas de porta adentro” há algumas décadas, parece que pouco mudou. O perfil das vítimas também permanece bastante inalterado. O Caso de Madalena ganhou notória repercussão nacional e por isso, seus fluxos circulatórios são tão interessantes de se observar tanto para refletir sobre o lugar da imagem na produção de sentido social, quanto para entender que marcas raciais são coproduzidas na ambiência da midiatização.

3. Algumas reflexões de ordem teórica

O caso Madalena é um fenômeno comunicacional típico da sociedade em midiatização⁶, visto que se trata de um acontecimento midiático que ganhou grandes proporções. Embora o caso de investigação deste artigo tenha como estopim do circuito interacional a esfera da mídia hegemônica, é no fluxo das idas e vindas da circulação que os sentidos sobre o acontecimento e, mais especialmente sobre o trabalho análogo à escravidão, ganham forma. Aqui, quando me refiro a um circuito interacional, mobiliza-se a proposta de Braga (2017). Para o autor a comunicação pode ser vista como um fluxo incessante atravessado por diversos sujeitos e dispositivos interacionais. Nesse processo os episódios ou situação (como a limite de Madalena) não tem um começo e um fim, pois são tecidos em conversações sociais, que dinamizam os sentidos em elaboração. Assim, já não se trata de produção ou recepção, mas do que ocorre nesse entre.

O entre produção e reconhecimento é aquilo que Fausto Neto (2018, p.30-31) chama de circulação, isto é, o lócus onde os sentidos são produzidos, disputados. A circulação “não é uma zona de recepção e de trânsito dos sentidos, mas lócus de engendramentos de macro e microprocessos comunicacionais, na medida em que tem também, como referência, as

⁶ Neste texto adoto a perspectiva latina de midiatização. Esta não se centra na lógica da mídia, mas na transformação das práticas sociais e em um novo modo de inteligibilidade que leva em conta a tecnologia, as experimentações sociais e a cultura da mídia. Trata-se de angulação diferente das propostas no eixo europeu, por exemplo, onde há ênfase nas plataformas ou na dimensão da mídia enquanto uma força de moldagem.

transformações dos fenômenos sociotécnicos – como a internet”. Ou seja, a circulação é um lugar de produção e de trânsito de discursos, onde sentidos são ao mesmo tempo engendrados e disputados, complexificando as relações.

Os sentidos sobre Madalena, por exemplo, não são fruto somente da tarefa discursiva do Fantástico, mas do debate social que se instala fora do universo da mídia, a partir de lógicas de midiaticização já entranhadas. Emergem comentários, postagens, críticas, novos vídeos, o que desloca a centralidade da instância mediadora (o jornalismo) para a esfera da atorização social.

São os sujeitos dispersos que passam a agenciar o fluxo, atribuindo um valor ao acontecimento. Neste sentido, recorrendo a Rosa (2019), trata-se de pensar a circulação como uma relação de atribuição de valor que se dá nas interações. Isto é, a cada nova postagem, comentário ou agenciamento do fluxo sobre a situação-limite, esta adquire novas camadas de sentido e valor. Contudo, não é somente um valor de “exposição”, aquele que se concretiza na repetição do tema ou da imagem, mas é uma atribuição de valor simbólico, moral, racial e, inclusive, de desvalor, ao excluir determinados aspectos e enfatizar outros. Esse processo é fundamental para pensar nas imagens, já que para além de uma materialidade figurativa, elas evidenciam valores sociais fortemente arraigados na cultura, a exemplo do racismo e da marca da branquitude (Bento, 2022), como também do próprio fazer jornalístico que, como já dito, muitas vezes amplia e reforça as desigualdades, mesmo quando parece estar fazendo o oposto.

Assim, a problemática das imagens em circulação adquire novas proporções. Se considerarmos que o imaginário midiático é uma articulação do pensamento por imagens (Kamper, 2016) e o fluxo de imagens em circulação (figurativas, simbólicas, discursivas) podemos localizar a importância do debate atualizado sobre mulheres negras, especificamente, quando vinculadas à noção de escravização. Observamos que há um imaginário midiático e, conseqüentemente social, que está sempre em tensionamento, pois o espaço da circulação se caracteriza pelo embate, pela ausência de qualquer linearidade. Porém, apesar da constante atualização de sentidos, percebe-se que algumas imagens instalam-se como totem (Rosa, 2012), impedindo que outras elaborações sobre o tema ganhem visibilidade e força. Tome-se aí as construções que infantilizam Madalena ou que, mesmo na tentativa de romper com o círculo violento, o reificam. Em contrapartida às imagens totêmicas, outras tentam adquirir pregnância, são experimentações, relatos que inclusive questionam a produção jornalística, mas que não alcançam o mesmo destaque.

Isso significa que a circulação é plural, mas que no caso específico aqui analisado, o fazer jornalístico (definição de enquadramento, suíte do caso etc..) também desenvolve operações a partir das imagens escolhidas para “ilustrar” as reportagens. Como nunca se trata de uma mera ilustração, as imagens “fazem fazer” e elas “ardem”, como bem enfatiza Didi-Huberman (2012). Aqui, esse fazer direciona-se de um lado para o consumo das reportagens e, de outro, para novos agenciamentos da própria circulação, reescrevendo a imagem de Madalena numa espécie de disputa, a qual apenas a própria Madalena não tem controle.

A provocação que emerge é quem estamos vendo quando vemos Madalena? Estamos vendo Madalena? Há um véu (Du Bois, 2021) sobre personas como ela. Desvendar os circuitos jornalísticos pode ser um bom ponto de partida para compreender a circulação imagética não como um produto (a fotografia em si) em fluxo, mas como os sentidos profundos que se revelam entre o dito, o visível e o sensível.

4. A circulação imagética

A Madalena que se vê na mídia ganha destaque nacional, como já mencionado, a partir de um programa televisivo de grande audiência, o Fantástico da Rede Globo. A mídia e neste caso específico, o jornalismo, se apropria de conteúdos e os trabalha por meio dos processos de significação. Esse é um movimento complexo que acontece dentro dos contextos dos processos midiáticos (Gomes, 2019). Madalena não é só Madalena, ela é o que o jornalismo faz dela e o que a circulação define a partir da disputa de sentidos.

Ao buscar os indícios (Braga, 2008) para melhor compreender o fenômeno da circulação do Caso Madalena, me deparei, obviamente, com as fotos. O fotojornalismo carrega consigo as lógicas da midiatização cada vez com maior profundidade. Vide o exemplo dado no início deste trabalho: a selfie com uma personalidade famosa tem mais valor que um autógrafo hoje em dia, uma característica da sociedade cada vez mais hiperconectada, orientada ao olhar. O que me movimentou até aqui é compreender a circulação como um espaço de trocas também demarcadas por preconceitos. O processo circulatório de produção de sentidos também se ancora em posições racistas e patriarcais, aspectos fundantes da sociedade brasileira. E por consequência, o fotojornalismo se insere neste processo, já que a prática não está presa em uma bolha neutra.

A seguir, categorizamos os empíricos de acordo com as fases que identificamos analiticamente. A divisão em fases demarca aqui que, metodologicamente o foco é seguir os rastros da circulação (Braga, 2008). Isso se dá, pois entendemos que no período de dois anos há muitas idas e vindas, as fases se sobrepõem e acabam, a nossos ver, sendo agrupamentos para demarcar não as materialidades, mas as processualidades do conjunto. Então mais do que nos guiar pelas fases, intencionamos trazer aqui, o que elas representam.

4.1. Fase 1 - O resgate a partir de uma “história fantástica”

Uma das primeiras imagens em vídeo de Madalena em rede nacional sugere ela sendo libertada pela reportagem do próprio programa jornalístico que narra a sua história. Atrás de um portão antigo, com cadeados já enferrujados, que nos denota a ideia de aprisionamento, o off do jornalista Ricardo Mello⁷, vai tecendo uma breve descrição da história da personagem central da matéria. É como se ela viesse receber a equipe do programa que abre, por sua vez, os grilhões que a acorrentam.

O cenário ao fundo parece um local extenso, com árvores ao redor, o que também pode sugerir que Madalena caminhou bastante até chegar no portão. A caminhada, pode ser compreendida como uma espécie de travessia. Nosso imaginário social está repleto de representações destas travessias quando se trata de população negra em diáspora. Desde a própria vinda à força de África, até a fuga, já nas América, aos quilombos. Filmes e novelas retratam muito bem essa parte da história.

⁷ Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/12/20/mulher-e-libertada-em-mg-apos-38-anos-vivendo-em-condicoes-analogas-a-escravidao.ghtml>. Acesso em 23 de fev.2026.



FIGURA 1 - Madalena Gordiano

FONTE: Fantástico/YouTube / Reprodução.

O público de casa, telespectador, é quase convidado a “libertar Madalena” às vésperas do Natal, e os conteúdos jornalísticos que foram veiculados nos dias seguintes à primeira aparição de Madalena no Fantástico continuaram dando ênfase ao fato dela ter sido escravizada por tanto tempo.

O factual mais importante das suítes, que seria o andamento jurídico do caso, como indiciamento/e ou prisão dos envolvidos, ficava em segundo plano, noticiado em poucas linhas ou ao pé das matérias. A foto-destaque casava geralmente com a manchete, ao falar de um legado de escravidão. Sobre isso, atentamos ao que Susan Sontag (2003) diz ao se referir às imagens. Para a autora, as fotos são meios de tornar “real” (ou “mais real”), assuntos que as pessoas socialmente privilegiadas, ou simplesmente em segurança, talvez preferissem ignorar. (Sontag, 2003, p.6). E talvez seja esse um dos incômodos que Madalena carrega e, por consequência, gera tanta audiência posteriormente.

Caso de Madalena, escrava desde os oito anos, expõe legado vivo da escravidão no Brasil

Exemplo extremo do pacto social racista que perdura no país no século XXI.
Madalena Gordiano foi empregada doméstica de uma família abastada durante
quatro décadas sem remuneração ou férias



NAIARA GALARRAGA GORTÁZAR

São Paulo - 14 JNE 2025 - 10:54 BRT



Madalena Gordiano, que trabalhou quatro décadas sem salário nem férias, durante uma entrevista ao programa 'Fantástico' em dezembro, depois de ser sócio resgateada.
GABRILO

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

12:15 | Bolsonaro, a destruição como estratégia

12:15 | Lula, uma ressurreição

21:54 | O programa eleitoral de Lula da Silva: subsídios de impostos para os ricos e proteção para as minorias

20:05 | Programa eleitoral de Bolsonaro: privatizações e privilégios legais para a Polícia

O MAIS VISTO

FIGURA –2: Reportagens que ressaltam a escravidão moderna

FONTE: El País Brasil / Reprodução.

4.2. Fase 2 - A infantilização

Passada a fase de exploração mais latente da história fantástica de Madalena, percebe-se uma tentativa de seguir noticiando o caso, que certamente gerou audiência. O rosto de Madalena e, mais do que isso, as manchetes que circulam em diferentes circuitos, exploram a questão de uma infância perdida. Esse tópico já havia sido abordado na primeira reportagem sobre o caso, quando o repórter do Fantástico questiona se na casa onde Madalena viveu havia brinquedos.

No que se observa depois disso, são tentativas de remeter Madalena, uma vítima do trabalho doméstico análogo à escravidão, ao universo infantil. De ingênua, boba, sem conhecimento do “mundo lá fora”, circuitos atribuem a ela também a caricatura da mulher negra raivosa.



FIGURA - 3: Madalena com uma boneca

FONTE: UOL / Reprodução.

Refletindo em cima do que Patricia Hill Collins (2019) compreende como imagens de controle, pensamos que rotular Madalena a partir destes papéis, é de certa forma, controlar a narrativa e o imaginário que se faz dela. A pensadora entende que a mídia, a partir de seus diferentes suportes, e aí podemos incluir filmes, novelas (no caso do Brasil), livros, etc, constrói as imagens de controle para indicar uma representação específica de gênero para pessoas negras. Madalena não consegue fugir disso. Para ela é ofertado esse papel que de certa forma reforça a subalternidade.

4.3. Fase 3 - Um novo visual e uma nova vida

Ao analisar realidades que não são brasileiras, W. E. B. Du Bois (2021) trabalha a ideia de que a comunidade negra vive envolta em uma espécie de véu, que a impede de ver quem realmente é. Para o autor, raça existiria enquanto uma condição existencial, onde o véu representa o preconceito, a marginalização e a exclusão social que impedem sujeitos negros de serem vistos como cidadãos plenos. Logo, dentro destas perspectivas, ser negro ainda é um fator que limita os sujeitos. Madalena pode ter sua história facilmente aplicada a esse contexto teórico-reflexivo.

De criança, raivosa, de vítima, Madalena se vê mais uma vez caricaturada na ideia que se faz do que é ser mulher na sociedade. Roupas novas, cabelos arrumados – no molde do que o Ocidente compreende por belo – de unhas feitas. Nas imagens que seguem ao longo de 2021, pouco resta daquela que foi vista pela primeira vez em rede nacional abrindo um grande portão de ferro. À Madalena, os circuitos imagéticos direcionam um olhar de “antes” e “depois”. Quase a ideia de uma pessoa devolvida à civilização (branca).



FIGURA - 4: O “antes” e “depois” de Madalena

FONTE: X / Reprodução.

O que chama atenção nesta análise, é o fato de, na época, Madalena estar em busca de seus valores indenizatórios; contudo, a pauta são aspectos ligados à aparência física da persona. Salões de beleza que ofereceram tratamentos estéticos de forma gratuita – comovidos com a situação. Portais noticiosos sem tradições em conteúdo como esse, mas voltados à beleza, moda e estilo, e que também trouxeram Madalena a esse circuito, ligado à vaidade.



FIGURA - 5: Madalena sorri de máscara

FONTE: Facebook / Reprodução.

O sorriso escondido por baixo da máscara durante a crise sanitária, as mãos que alisam os cabelos nos remetem a uma mulher que superou seu passado de desigualdades. Agora ela é bela, arrumada, posa para câmeras. Ainda que a linha de apoio nos diga a informação mais importante daquele momento, que ela ainda não havia recebido a sua justa indenização, o que importa na manchete, é que Madalena foi à praia, pela primeira vez e que se tornou um símbolo.

4.4. Um feixe de discussões

“De fato, há muitos usos para as inúmeras oportunidades oferecidas pela vida moderna de ver — à distância, por meio da fotografia — a dor de outras pessoas. (SONTAG, 2003, p.8).” Percebemos que Madalena, sendo escrava, criança ou mulher, está sempre abaixo de alguém. As fotografias do jornalismo reforçam um papel subalterno, de domínio através de uma hierarquia que não sabemos exatamente de onde vem. Apenas, sabemos que é assim. Em nossos mundos de pessoas privilegiadas, as lentes nos entregam algo que parece distante, mas que é permeado por imaginários coletivos e construídos historicamente de forma sistemática. Logo, é muito familiar.

Analisando cuidadosamente as fotos que são distribuídas sobre Madalena Gordiano, entendemos que a circulação em si enquanto locus da produção de sentido não é racista e patriarcal, porque esse locus só existe nas interações, uma vez que a circulação permeia esse “entre”. Contudo, o processo é racista e patriarcal porque carrega os valores que também atravessam aqueles que agenciam os circuitos taticamente já que produção de sentidos não é isolada, ela é fruto das relações, das interações que se dão dentro de uma cultura. Neste caso é a cultura que normaliza que o sinônimo de uma mulher feliz e plena é uma mulher vaidosa, ou que carrega ainda em si o discurso de um “salvador”, quando na prática, pouco se faz para arrebentar de fato esses grilhões.

Há uma colonialidade nas imagens que circulam. Um pensamento que não é neutro, mas que é referenciado por uma visão de sistema-mundo que sabe exatamente o lugar de corpos como os de Madalena. Não por acaso, as fases de análise aqui apresentadas se sobrepõem: pois dependendo do contexto, da época, a figura de Madalena, o totem, é acionado para se referir da forma que seja mais benéfica e atraente naquele contexto de disputa interacional.

5. Considerações

Respondendo ao questionamento norteador de como as fotos produzidas para fins de fotojornalismo passam a produzir sentidos próprios, remeto à ideia de que ao ver a Madalena em qualquer situação na atualidade, compreenderemos que ela é “aquela que ficou presa” (Athaide, 2025). Existe um distanciamento sim, mas ao mesmo tempo uma grande familiaridade, uma vez que sua imagem foi excessivamente exposta na mídia.

Suas fotos ganharam sentidos muito particulares e cristalizamos esse imaginário. De vítima a um símbolo de luta contra o trabalho análogo à escravidão. As manchetes apontam

isso: que ela superou, se tornou um ícone, que é feliz agora. Mesmo que ainda tenhamos um longo caminho para problematizar.

Certamente não intenciono aqui apontar de forma categórica que as fotos de Madalena não servem para representá-la em sua essência enquanto cidadã. Isso seria raso e um tanto simplista. A reflexão abordada me instiga a pensar em uma contra-colonialidade na circulação, reconhecendo a presença de lógicas racistas e patriarcais nesses fluxos. Porém, mais do que isso, entender a circulação como um território que pode ser utilizado justamente para quebrar essas visões de mundo que são excludentes. Enxergar no entre a possibilidade de construir novas narrativas mais respeitosas e dignas. Para além de véus que não nos permitem enxergar a totalidade dos sujeitos e as verdades de suas histórias, mas que nos direcione para um jornalismo que se comprometa de fato com melhores práticas.

Referências

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ATHAIDE, Lucilene. **“Aquele que ficou presa”: os sentidos sobre o trabalho doméstico análogo à escravidão a partir da circulação midiática**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação – Unisinos (RS) 2025.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BARTHES, Roland. **A mensagem fotográfica. Teoria de cultura de massas**. Adorno et al. Luis Costa Lima, org. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. Disponível em: <http://www.leden.uerj.br/wp->

content/uploads/2019/05/49666238-A-Mensagem-Fotografica-Roland-Barthes.pdf. Acesso em: 02 de dez. de 2025.

BELTING, Hans. **Por uma antropologia da imagem**. Revista Concinnitas, [S. l.], v. 2, n. 8, p. 64–78, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/concinnitas/article/view/55319>. Acesso em: 2 dez. 2024.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. Companhia das letras, 2022.

BRAGA, José Luiz. **Comunicação, disciplina indiciária**. Matrizes, v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008.

_____; CALAZANS, Regina. **Matrizes interacionais: a comunicação constroi a sociedade**. João Pessoa: EDUEPB, 2017.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante da imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte**. São Paulo: Editora 34, 2012.

DORNELLES, Roberto Anderson; FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira. **O jornalismo como história imediata**. In: Estudos em Jornalismo e Mídia: revista acadêmica semestral. Vol. 10, n. 1 (1. sem. 2013), p. 121-144, 2013.

DU BOIS, W. E. B. **As almas do povo negro**. Tradução de Alexandre Boide. Ilustração de Luciano Feijão. Prefácio de Silvio Luiz de Almeida. São Paulo: Veneta, 2021.

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetos conceituais. Rizoma, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 8, 2018

GOMES, Pedro Gilberto. **Como o processo de midiatização (um novo modo de ser no mundo) afeta as relações sociais?** In: Dez perguntas para a produção de conhecimento em comunicação. BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antônio; GOMES, Pedro Gilberto (Org), v. 10, p. 131-143, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Aprendendo com a outsider whithin: a significação sociológica do pensamento feminista negro**. Tradução de Juliana de Castro Galvão. Sociedade e Estado, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, jan./abr. 2016.

KAMPER, Dietmar. **Mudança de horizonte: o sol novo a cada dia, nada de novo sob o sol, mas...** São Paulo: Paulus, 2016.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Tradução . Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoasDeRacaRacismoIdentidadeEtnia.pdf. Acesso em: 11 fev. 2026.

NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento, quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição**. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **O acontecimento**. In: TRAQUINA. Nelson. Jornalismo: questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Vega, 1993

ROSA, Ana Paula da. Circulação: das múltiplas perspectivas de valor à valorização do visível. Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, v. 42, n. 2, p. 21-33, 2019.

ROSA, Ana Paula. **Imagens-totens: a fixação de símbolos nos processos de midiatização**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação – UNISINOS, 2012. Disponível em <http://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3429?show=full> Acesso em 22 nov. 2023.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Insular, 2005.